

REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA EM *AMERICANAH* DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Cleonice Alves Lopes-Flois – cleonice.flois@gmail.com

Mestranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná
(UNIOESTE).

RESUMO: Neste texto, a obra *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie é analisada observando como ocorre o processo migratório das personagens Ifemelu e Obinze, bem como os modos que acontecem os questionamentos e subversões dos discursos hegemônicos em contexto de identidades que se alteram. Estas análises visam contribuir no combate aos perigos da história única, termo utilizado por Adichie, possibilitando para o leitor enfrentamentos capazes de produzir deslocamentos identitários e culturais por meio da leitura mais crítica do texto literário. As escolhas teóricas que embasam as análises são feitas pensando em desconstruir ideias de subalternidade na literatura nigeriana vivenciadas, em boa parte, nos países em que as personagens viveram: Inglaterra e Estados Unidos. Devido aos anos de opressão pelo discurso eurocêntrico, teremos então diferentes formas de resistência atuando nas obras analisadas, tendo em vista o locus do qual cada personagem apresenta a exclusão vivida como estrangeiro, ilegal, negro, expatriado e imigrante no processo de (re)construção de suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; resistência; processo migratório; subalternidade; diferença.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que resulta neste texto tem como foco o estudo da constituição das personagens que se apresentam no romance *Americanah* (2014), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, analisando particularmente as identidades imigrantes femininas como Ifemelu, Ginika, Tia Uju, por entender que, num universo de imigração, de relações com outras pessoas em um país de primeiro mundo, de sentir-se estrangeiro e deslocado, a mulher sente com mais força estas situações discriminatórias. Analisa-se também a identidade de Obinze, namorado de Ifemelu, por apresentar nuances relevantes com o tema em pauta, ou seja, ao vivenciar o processo de imigrante que, após o término do tempo previsto no seu visto de entrada passa a viver ilegalmente e acaba sendo descoberto e deportado.

Este estudo é pautado em revisão bibliográfica acerca das representações de identidade dos imigrantes e, de forma específica, de identidade feminina das imigrantes abordando as vozes presentes na obra, seu silenciamento, sua identidade em (re)construção de forma a sair do lugar que o outro lhes impõe e cruzar as fronteiras da sua realidade socioespacial. Por considerar a obra

como sendo da literatura africana pós-colonial ela é estudada utilizando-se do pós-colonialismo e da crítica de gênero como base teórica e esta reflexão sobre a temática pós-colonial faz-se necessário por considerar-se que este tema permeia as obras escolhidas nestas análises e por todos os atributos que o termo pós-colonial abarca como o interesse pelas minorias, pelos marginalizados conforme veremos no desenvolvimento deste estudo que se apresenta.

O processo migratório das personagens que compõem o romance *Americanah* (2014) apresentam as muitas diferenças e dificuldades que só conhece realmente quem as vivencia *in loco*. Logo que chegam ao solo dos países para onde vão, Ifemelu e Obinze se deparam com desigualdades que nunca pensaram encontrar nestes países e que tentavam deixar para trás na Nigéria da qual saíram. Tanto Ifemelu, nos Estados Unidos, quanto Obinze, na Inglaterra, se deparam com situações conflituosas que os faz sentir-se deslocados e inseguros e que os colocam em estado constante de alerta quanto à sua segurança e manutenção de bens vitais para sua sobrevivência como moradia, alimentação, dignidade e esperança. Ambos encontram nestes lugares pessoas com quem conviviam na Nigéria e com as quais tinham alguma familiaridade, mas que no novo ambiente acabam por se relacionar de forma diferente, ora com mais proximidade ora com certo distanciamento, evidenciando assim, as alterações pelas quais os indivíduos passam quando deslocados dos ambientes nos quais estavam habituados.

A seleção do *corpus* teórico baseia-se primeiramente no evento de que as minorias marginalizadas em países do continente africano ficaram tempo demais sem receber um olhar adequado para sua realidade, haja vista, sua independência tardia. A visão embaçada de uma história única que Adichie critica em *The danger of a single story*¹ torna o entendimento equivocado de modo a manter o estereótipo de que a história contada pelo colonizador é a verdade e que o colonizado não pode ser também o detentor dessa verdade uma vez que a verdade difere dependendo do ângulo pelo qual é olhada. Apresentar essa verdade sob o enfoque do subalterno é a ferramenta que a escritora precisa saber usar, e Chimamanda Adichie a utiliza com habilidade de forma a apresentar a temática das minorias construindo um histórico representativo da cultura africana.

A escolha desse romance se dá motivada pelo interesse na investigação da composição da identidade da personagem Ifemelu, que sai da Nigéria e vai aos Estados Unidos para estudar e conhece as dificuldades e desigualdades que constituem aquele país; e seu povo em constante conflito identitário com as questões culturais e raciais. Além disso, as características da obra são muitas e variadas apresentando nuances complexas de heterogeneidades, multiculturalismos e

¹ *The danger of the single story*: O perigo de uma história só (tradução de Christina Baum) ou *O perigo de uma história única* (tradução nossa). Miniconferência promovida pelo Technology, Entertainment, Design (TED), jul. 2009. Vídeo (19 min.). Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em 15 de março de 2017.

diversidades que a tornam plural, mas que também a relegam à marginalidade, pois essa variedade que compõe esta literatura pode ser emblemática para toda a raça humana, uma vez que tece uma sociedade híbrida que se caracteriza pela inexistência de raças e culturas puras, um ideário muito forte e constante na história humana. Uma obra produzida neste território, como *Americanah*, reconhece e exalta a heterogeneidade dessa cultura pós-colonial que, ao ser deslocada para outros continentes, passa a apresentar mesclas identitárias que merecem que muitos pesquisadores se debruçam sobre elas para outras e relevantes análises. Os temas transversais presentes no romance pesquisado convergem no evento de trazer à luz personagens que têm sua cultura e sua existência anuladas por um 'abandono' da nação híbrida de maneira que os imigrantes em *Americanah* não encontram eco para suas vozes. Estas tentativas de apagamento da cultura do outro problematizam uma história repleta de dores e dissabores cujo grande impedimento é se ver enquanto sujeito, se olhar enquanto pessoa. Esse processo é abordado por Caryl Phillips (2000, p. 11) ao analisar outra obra pós-colonial em que esse 'abandono' da nação híbrida "que ainda luta para encontrar coragem para poder olhar no espelho" fica evidente.

Para a adequada organização deste estudo, objetiva-se analisar como a obra do *corpus* teórico apresenta a voz imigrante feminina sob o enfoque da identidade diante da subalternidade, do agenciamento e da descolonização, tendo em vista que a mulher é vista no sistema colonial como um território enquanto verifica-se as tentativas de (re)construção da identidade feminina imigrante, uma vez que esta identidade, após vários deslocamentos, precisa ser reconstruída para dar significação àquelas mulheres que buscam seu espaço para fazer com que suas vozes sejam ouvidas além das fronteiras espaciais e ideológicas que as limitam. Também pretende-se analisar o processo migratório de Obinze, namorado de Ifemelu, que viveu de forma ilegal na Inglaterra.

A temática desta pesquisa é resultante de ideias formuladas a partir da reflexão sobre o sujeito e sua identidade a partir da abordagem de subalternidade da crítica indiana Gayatri Spivak, o que considera-se uma necessidade diante do panorama que se constituiu em tempos de colonialismo e se constitui cotidianamente, mesmo em tempos de pós-colonialismo. Sem diferir dos outros pós, o pós-colonial "não trata apenas de ser 'posterior', mas de 'ir além' do colonial" trazendo com isso um ganho epistemológico, pois as relações as quais caracterizam o que é considerado colonial perdem o seu lugar de sempre e "podemos não somente nos opor a elas mas também criticar, desconstruir e tentar 'ir além' delas" (Hall, 2008, p. 111). Outrossim, ao refletir sobre o trabalho da crítica indiana percebe-se seu posicionamento contrário aos instrumentos de poder que colonializam o sujeito subalterno e, de maneira mais incisiva, as mulheres, de forma a entender uma das maiores preocupações de Spivak com relação à abordagem dada ao pensamento da teoria crítica que, segundo ela, precisa ser como uma prática que intervenha, se engaje e conteste os discursos

dominantes e crenças ingênuas que não deem conta de nos tornar, enquanto leitores e produtores do saber, efetivamente críticos.

A autora de *Pode o subalterno falar?* estrutura seus argumentos sobre o conceito de subalternidade não aceitando uma interpretação qualquer para o termo subalterno. Retoma a teorização utilizada por Gramsci acerca do proletariado e conceitua o sujeito subalterno como aquele que não pode ter sua voz ouvida: "O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à "mulher" como um item respeitoso nas listas de prioridades globais." (Spivak, 2014, p. 165). Spivak convoca o intelectual para representar o subalterno, mas não como fizeram Foucault e Deleuze, pois o intelectual precisa ter clareza sobre a sua função para não correr o risco de falar pelo outro ou manter aquele que não é ouvido numa constante posição de subalternidade, dando espaço, então, para que as pessoas em posição de subalternidade possam falar sem mediações.

Devido às informações que obtêm-se sobre o continente africano nem sempre serem fieis ao que realmente é, pois, historicamente, este continente e seu povo têm sido vistos como algo negativo nas representações feitas sobre eles; considera-se necessário conhecer mais profundamente este lugar amplamente heterogêneo por meio da escritura destes representantes que falam com conhecimento dos sonhos e das vivências dos habitantes deste lugar. A identidade de sua gente povoa o imaginário de muitos que os desconhecem ou que tem deles apenas algumas multifacetadas ideias, mas esta identidade nem sempre é aquela que exprime a veracidade do sujeito pós-colonial, herdeiro de mestiçagens e hibridismos. Para conseguir nos dar noções desta falta de conhecimento acerca da África e sua gente, Chimamanda Ngozi Adichie utiliza-se de traços irônicos bastante peculiares na sua oralidade e na sua escrita. Assim, as imagens desfocadas da realidade continental que se repetem e se internalizam no pensamento ocidental estigmatizando a verdadeira face africana, é desconstruída e ressignificada de forma que o real da vida da Nigéria possa ser contado nessa narrativa de grande valor literário.

2 REPRESENTAÇÕES DE RESISTÊNCIA POR MEIO DA IDENTIDADE

Um ponto que reflete a questão da identidade da protagonista Ifemelu no romance é o seu cabelo. Ela tem uma relação de certo empoderamento com o seu cabelo, mesmo que na infância tenha presenciado uma cena em que sua mãe muda de religião — fato muito comum durante a adolescência de Ifemelu — e por isso, corta todo o cabelo e passa a usá-lo bem curto porque acredita que o cabelo alisado ofendia a Deus. Ao ver a cena da mãe cortando o cabelo e queimando junto com os objetos religiosos da antiga religião, a menina começa a chorar assustada. O cabelo era algo que Ifemelu gostava muito na sua mãe e, por isso, cresceu com vários questionamentos acerca da

decisão que a mãe tomara quando ela tinha dez anos, haja vista que para ela o cabelo preto da sua mãe era lindo, mesmo que sugasse muitos potes de cremes para relaxamento no salão, de "tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era libertado dos bobes rosas, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração" (Adichie, 2014, p. 49). Mais tarde, na América, Ifemelu se vê obrigada a desfazer as tranças e alisar o cabelo para conseguir uma vaga de emprego. Recebe, inclusive um conselho para isso. "Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego" (Adichie, 2014, p. 220). Quando, meses antes, tia Uju disse que precisava fazer isso com o cabelo dela para uma entrevista, a própria Ifemelu achou errado, perguntando se não haviam médicas com tranças nos Estados Unidos. A resposta de tia Uju foi de que "eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado", acrescentando que "Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido" (Adichie, 2014, p. 130-131).

A importância da cor, do cabelo e do corpo na construção da identidade negra existe e se manifesta no modo como o sujeito se vê e é visto pelo outro, independente da classe social a que pertença. Essa interação pode acontecer com os negros imigrantes nos Estados Unidos, na Inglaterra ou até mesmo, com os afro-brasileiros, afro-americanos, hispano-americanos e assim por diante, porque não tem a ver somente com o local onde estão, mas com a condição de subalternidade que a raça e o fato de ser estrangeiro perpetuam. É uma situação que se repete, um tanto que cristalizada em nossas sociedades. Cabelo crespo, cor negra, caramelo, parda ou mestiça e corpo gordo são marcas identitárias que podem ser vistas como empoderadoras, mas também como inferiorizantes, visto que atraem uma supervalorização de facetas daquele indivíduo, que não representam seu eu inteiro. Essa questão é mais comum nas mulheres negras, que durante muito tempo, têm sido colonizadas no sentido de que se a cor, o cabelo ou o corpo não atendem ao padrão de beleza ocidental comercializado em revistas e anúncios publicitários, nas passarelas e nas mídias especializadas em comércio de rótulos estereotipados, elas não podem sentir-se felizes, pois estão à margem do que é considerado vendável e, assim, padronizado. O corpo magro é um quesito que juntamente com o cabelo crespo compõem os objetos de insatisfação e tentar parecer com uma ocidental não pode ser considerado somente como um modismo, mas precisa ser entendido como uma necessidade de adaptação e sobrevivência, como no caso das personagens do romance *Americanah*. Uma destas facetas pode ser percebida nesta fala entre Ginika e Ifemelu:

"Aqui, ser magra é uma coisa boa."

"É por isso que você parou de comer? Sua bunda sumiu. Sempre quis ter uma bunda igual à sua", disse Ifemelu.

"Sabia que comecei a perder peso assim que vim para cá? Cheguei perto até da anorexia. [...]" (Adichie, 2014, p. 135).

Estes quesitos vão além do olhar do negro ou do imigrante para consigo mesmo, mas está presente, de forma mais pesada, no olhar do outro, do nativo norte-americano ou inglês, que olha para o estrangeiro ou para o negro como alguém que está fora, que não pertence àquele universo. Por isso compreende-se as tentativas de se parecer o máximo possível com os habitantes do país que os recebe e com os brancos que vivem ali.

Em determinado momento da narrativa, Ginika vai com Ifemelu a uma loja e parece se encantar com um vestido que, segundo a protagonista, não tem formas, "parecendo um saco quadrado no qual uma pessoa entediada havia grudado lantejoulas de maneira aleatória" (Adichie, 2014, p. 138). Entretanto, o modelo agrada a colega, que diz que é um modelo pós-moderno, fazendo com que Ifemelu se questione se também ficará assim e se era isso que os Estados Unidos fazia com você, te deixando com gostos para vestidos sem formas.

Outrossim, os hábitos de roupas e cabelos ocidentais atingem os países africanos tão rapidamente quanto um folhear de revista. Os cabelos com apliques e relaxamentos que recebem nomes e versões variadas, mas que têm a função clara de esticar e alisar os cabelos estão cada vez mais em alta entre as mulheres: "Tia Uju riu e deu tapinhas nos apliques de cabelos sedosos que cascadeavam até a altura dos ombros: era um mega-hair chinês, a versão mais nova, brilhante e reto de tão liso; nunca embaraçava" (Adichie, 2014, p. 86). Essa nova forma de pensar e agir vai além do indivíduo e chega até seu grupo étnico e, isso, faz com que esses indivíduos pertencentes a esses grupos recriem uma identidade, diferente da sua, mas também diversa daquela que tanto os influencia. Se o cabelo e o corpo forem pensados como cultura, ambos podem ser considerados como expressões e suportes simbólicos da identidade negra, particularmente, identidade negra feminina, que formam uma identidade construída historicamente ao longo de muitas décadas, de muitas migrações, de muitas adaptações ao sistema vigente ao país que não é o seu e da cor que não é a sua.

Para se constituir como realidade, a identidade presume uma interação, conforme D'adesky (2001, p.76). O processo identitário se constitui no contato com o outro, na diferença, no contraste e no diálogo, e que ser negro é tornar-se negro, ou seja, ter o entendimento de que é preciso considerar como essa identidade se constrói na esfera dos simbolismos, dos valores, crenças, rituais e mitos, quando vivencia-se um clima de discriminação (Souza, 1990, p.77), sem que isso ocorra de maneira isolada, pois a construção das identidades dos indivíduos carece da interação com os demais, seja do seu grupo étnico/racial ou seja de um grupo diverso do seu. A ideia que o sujeito faz de si precisa ser refletida pela ideia que os outros têm dele e isso ocorre de maneira dialógica, com diálogo aberto numa negociação que se dá durante toda a vida.

A questão em debate quando os quesitos cabelo, corpo e cor estão em pauta é o racismo que faz com que o cabelo de um por exemplo, seja mais aceito do que o do outro, de modo que essa faceta do ser negro expressa o conflito racial que estes grupos vivenciam há décadas em todos os países para os quais imigram, ou mesmo que vivam lá desde o nascimento. Esse é um conflito coletivo do qual fazemos parte, que coloniza, não dando condições desse grupo étnico participar das posições de poder nas esferas econômica, política e cultural enquanto que a etnia branca sempre compõe o grupo dominante. As tentativas de mudanças de cabelos e corpos podem ter como significado uma busca por sair do lugar de inferiorizado, de sujeito colonizado pela vontade alheia, para um lugar em que sintam-se com mais autonomia, mesmo que para isso precise imitar o jeito de ser das majorias do país em que vive. Anzaldúa (2000) salienta que a cultura cerceia horizontes e oprime as pessoas e que a cultura dos países do terceiro mundo, em sua maioria, foi construída pela elite detentora do poder, sendo que esta é composta basicamente de homens brancos, os quais decidiam o que deveria ser feito pelos demais de forma bastante arbitrária e autoritária. Nesta perspectiva, as mulheres do terceiro mundo – expressão utilizada pela autora em referência, principalmente, ao México e demais países da América latina, mas que também pode ser utilizada de forma coerente no contexto nigeriano – precisam ser entendidas numa dupla condição de opressão, lembrando a dupla colonização de Spivak, e esse entendimento é negado às mulheres, sendo vistas como representantes de uma raça e cultura inferiores.

No romance, as mulheres representadas compõem quadros semelhantes a esse, em que vivem uma realidade de terceiro mundo, são inferiorizadas por seu gênero e, ao tentar um novo caminho num país de primeiro mundo, são inferiorizadas por sua raça sendo tratadas pelos homens com os quais se relacionam como menos capazes do que eles como fez o novo namorado que tia Uju conheceu nos Estados Unidos:

Ele se comportava de forma pomposa, como um prêmio especial que tia Uju tinha a sorte de ter ganhado, e ela não o contrariava. Antes de provar as moelas, ele disse: "Vamos ver se isso aqui presta". Tia Uju riu, e em seu riso havia uma aquiescência, porque aquelas palavras de Bartholomew, "Vamos ver se isso aqui presta", referiam-se ao fato de ela prestar como cozinheira e, portanto, como esposa (Adichie, 2014, p. 127).

Ainda está muito presente a concepção patriarcalizada de que as mulheres precisam se inserir em determinado contexto criado pela sociedade em que quem decidiu e instituiu foram homens brancos para que ela viva e se adapte. O próprio conceito de que algumas mulheres dão mais trabalho do que outras porque pensam, porque argumentam, porque criticam, se torna vazio na sua própria concepção, pois demonstra que prefere-se o vazio de um silenciamento do que uma

possibilidade de mudança com os argumentos e com as críticas. Em *Americanah* quando o amigo de Obinze informa a ele sobre as características de Ifemelu e os motivos da amiga dela ser uma escolha melhor, percebe-se essa opção pelo mais moldável: "Ifemelu [...] Sabe discutir. [...] Mas Ginika é um doce de menina" (Adichie, 2014, p. 69). Uma mulher que apresenta sua opinião, que discute e argumenta dá trabalho, é preferível, nessa linha de pensamento, uma mulher boazinha, ou no caso de tia Uju, uma mulher que preste, que saiba cozinhar e agradar o marido. Este pensamento fechado, culturalmente ultrapassado, obsoleto pela modernidade, ainda é o pensamento que impera em muitas comunidades, porém não é somente nas tribos africanas, pois lá já é possível sentir algumas alterações devido à ocidentalização dos costumes; o mais absurdo é observar esses comportamentos antiquados em locais centrais de países de primeiro mundo como nos Estados Unidos. Mesmo entre aqueles que vivem situações de opressão, verifica-se o comportamento opressor. Em vez de buscarem uma igualdade entre pessoas que vivem condições semelhantes quanto à clandestinidade ou ao anonimato da sua situação de imigrantes, em muitos casos, com vistos vencidos; ainda assim tentam subjugar o que é considerado mais fraco ou inferior: as mulheres.

Outros escritores como Adichie e que embasam o *corpus* teórico, questionam as formas de marginalização, repressão e agenciamento dos sujeitos subalternos sem se isentar de responsabilidades enquanto intelectual. Nas suas críticas ao imperialismo enquanto carente por uma desconstrução e ao colonialismo que age duplamente no feminino assinalando o seu silêncio como uma marca indelével, Spivak (2014) enfatiza que a mulher é duplamente atingida por essas violências, visto que, por mais que o sujeito subalterno esteja num contexto obliterado a situação da mulher ainda é mais "problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras" pois para a pesquisadora, se envolver com atividades antissexistas é de grande importância e requer um caráter emergencial para contrapor o fato de que "a mulher subalterna continuará tão muda quanto esteve" (Spivak, 2014, p. 110;112). Para a crítica, "os intelectuais devem tentar revelar e conhecer o discurso do Outro da sociedade", não falar por ele, pois assim estarão agindo da mesma forma que as estruturas de poder e opressão, deixando o subalterno silenciado, sem espaço para que sua fala seja ouvida (Almeida, 2014, p. 26-27). Reitera-se, conforme Spivak (2014, p. 85) que, "se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade".

O posicionamento de escritores em prol da causa feminina dá outros rumos para as análises que têm sido realizadas no âmbito dos estudos da identidade feminina, pois incorporam ou ajudam a incorporar os conteúdos identidade racial, cultural e de gênero ao discurso feminista e quebram

a hegemonia essencialista dos intelectuais que tentam falar pelo outro, neste caso, pela mulher, possibilitando-lhe conquistar seu próprio espaço. Nesse processo de territorialização do feminino conduzido pelo pensamento hegemônico, "a mulher, assim como os negros e os índios, foi subjugada [...], daí, muitas vezes, os conceitos operatórios de pós-colonialismo, tais como linguagem, voz, silêncio, discurso, poder, entre outros, serem partilhados pelo feminismo" (Zolin, 2012, p. 53). Há um diálogo confluyente entre o pós-colonialismo e o feminismo, que acontece na contemporaneidade, tendo em vista muitas temáticas afins. Entretanto, nem sempre ocorreu desse modo, pois a inserção dos estudos feministas nas demais teorias não se deu de forma fácil, tanto nos estudos pós-coloniais quanto nos culturais, porém, segundo afirmação de Santiago (2004, p. 86), foram as críticas feministas responsáveis por abalar os solidificados "pilares universais e seculares" da crítica e da literatura da contemporaneidade, de forma a deslocar o que já estava solidificado. Stuart Hall (1996, p. 264) metaforiza essa entrada enviesada nos estudos culturais ao dizer que "como um ladrão na noite, o feminismo forçou a entrada, causou uma interrupção, fez um estardalhaço, apoderou-se do momento".

As concepções feministas entraram tão fortemente nas mentalidades solidificadas da sociedade que liquidificaram muitas destas convicções traçando novas perspectivas para o pensamento feminista, porém, mesmo nas comunidades mais evoluídas tecnologicamente as concepções de cultura nem sempre mudam tanto. Os aspectos culturais estão tão arraigados nos indivíduos, que toda alteração nos hábitos e costumes torna-se apenas superficial, no rótulo, pois é muito mais difícil alterar todo o conteúdo, todo o conjunto de crenças com que este indivíduo foi constituído ao longo do tempo. A relação com o corpo, a cor e o cabelo na narrativa é um processo que parece ocorrer muito rápido, no entanto, durante toda a vida as mulheres são criadas com determinado valor estético e passar pelas alterações convencionadas pela cultura do outro país soa forçado, como algo que são obrigadas a fazer para sentirem-se parte daquele povo. Ifemelu precisou passar por uma situação complicada com seu cabelo para mais tarde poder aceitá-lo como ele era. Quando precisou tirar as tranças e fazer um relaxamento indicado para uma entrevista de trabalho, passou pelo processo químico sentindo dores e tendo boa parte do seu cabelo queimado. "Arde um pouco", disse a cabeleireira. "Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!" (Adichie, 2014, p. 221). O estereótipo de que o cabelo parecido com o de uma mulher branca era o tipo ideal de cabelo incomodava a personagem, mas não o suficiente para que assumisse seu cabelo crespo. As feridas e o pus que se formaram na sua cabeça devido à química do relaxamento eram justificados pela aprovação na entrevista, mesmo assim ela questionava aquela escolha, apesar de ser a melhor alternativa que ela via para se encaixar naquele sistema.

Mais tarde, quando passou sem problemas pela entrevista de emprego e a mulher apertou sua mão e disse que "se encaixaria maravilhosamente" na empresa, Ifemelu se perguntou se a mulher teria achado a mesma coisa se ela tivesse entrado naquele escritório com a coroa espessa e crespa que Deus lhe dera, seu afro (Adichie, 2014, p. 222).

Inúmeras outras vezes, Ifemelu precisou mudar seu cabelo e, em praticamente todas sentiu-se incomodada com essa mudança, já que não sentia que era ela, não se reconhecia naquelas mudanças, pois conforme Perrot (2007), o cabelo simboliza a identidade da mulher e ao alterá-lo, altera-se também sua identidade como mulher negra e, por isso, ela o utiliza como meio para se inserir socialmente em determinado ambiente. Historicamente, a participação das mulheres em alguns grupo não era aceita, pois como já abordou-se anteriormente, somente aos homens essa prática era legitimada e, assim, as mulheres precisavam usar do cabelo como artifício para sua inserção em algumas atividades, evento que remonta a cultura judaico-cristã em que se valorizava muito os cabelos. "Os cabelos, signo supremo da feminilidade, devem ser disciplinados, cobertos, enchapelados, por vezes cobertos com véu" (Perrot, 2003, p. 15) e, assim, Ifemelu tentou fazer com os cabelos dela, discipliná-los, tantas e tantas vezes, até decidir assumir, com o apoio de mulheres conhecidas apenas na internet com as quais ela comentava no blog FelizComEnroladoCrespo.com do qual participava assiduamente. O motivo pode ser a afronta sofrida quando passeava com o namorado Curt, o qual ela chamava de namorado branco, na feira. Enquanto andavam por entre as barracas, um homem negro passou por eles e murmurou algo que só Ifemelu ouviu, mas que a deixou intrigada por horas: "Já se perguntou por que ele gosta de você assim, com essa cara de selva?" (Adichie, 2014, p. 231) ou, quem sabe, não houvesse um motivo específico, mas a soma de vários motivos, "talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece" (Adichie, 2014, p. 232), ou ela estava percebendo alguma coisa que não percebia antes, nem mesmo quando cortou o cabelo bem curto com um corte corajoso, mas que a deixaram tão envergonhada que não queria sair na rua. Apenas, nesse dia comum de primavera, sem nenhuma luz especial e sem nada de significativo acontecer, "ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo" (Adichie, 2014, p. 232). E assim como fez com seu sotaque, fez também com seus cabelos, assumiu-os e, conseqüentemente, assumiu sua identidade de mulher negra imigrante nigeriana nos Estados Unidos.

A vitória de Ifemelu vista na narrativa pode ser considerada como uma vitória contra a colonização do seu pensamento, como a vitória do colonizado contra o colonizador, como a recuperação da sua própria voz deixando de lado a subalternidade de ter alguém escolhendo por

ela. Nos lembra que quando o processo de imposição do colonizador sobre o colonizado ocorre, há uma perda de identidade por parte do indivíduo colonizado, uma vez que sua personalidade é ajustada para caber dentro das posições ideológicas daquele que exerce a dominação.

Em *Americanah*, observa-se que os personagens imigrantes adquirem posturas de apagamento da sua identidade nacional para encaixar-se dentro da ideologia dominante, haja vista que as identidades se alteram constantemente, "estão sempre entrando em colapso, [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático" (Hall, 2001, p.12). A personagem que ignorava os gestos amistosos de Obinze mesmo exercendo a mesma função que ele, mas tinha amizade com a mulher branca que limpava os escritórios do andar de cima, fazia isso porque não queria relações com outros imigrantes:

Não é que ela não quisesse amizades, só não queria a dele. Talvez a amizade em suas circunstâncias atuais fosse impossível porque ela era ganense e ele, nigeriano, era próximo demais do que ela era; conhecia suas nuances, enquanto ela estava livre para se reinventar com a polonesa e ser quem quisesse ser (Adichie, 2014, p. 256).

Essa questão de uma reinvenção de si mesmo aconteceu também com Ifemelu quando, numa aula da faculdade, pediram que ela desse sua visão negra de determinada temática que estava sendo abordada: "não tinha ideia do que aquilo significava. Então, simplesmente inventei" (Adichie, 2014, p. 239). Por isso, nas suas postagens no blog que criou e dirigiu por muito tempo enquanto estava nos Estados Unidos, ela explicava que não fazia diferença se você era jamaicano ou ganense ou mesmo, se você não era considerado negro no seu país, a partir do momento que entrou nos Estados Unidos precisava assumir a identidade que eles queriam que você tivesse de acordo com os critérios deles. "Nós todos temos nosso momento de iniciação na Sociedade dos Ex-Crioulos" (Adichie, 2014, p. 239).

A dificuldade que os indivíduos têm em lidar com o que é diferente é uma questão bem séria que era discutida há décadas e que ainda precisa ser debatida. Isso se agrava quando esses indivíduos são os governantes, responsáveis pela aprovação ou cortes de projetos, pelas políticas de imigração que visam à boa convivência entre os diferentes culturalmente. Quando estes governantes não conseguem administrar essas diferenças, tampouco aceitar que elas constituem aquela nação, tentam mantê-la fora dos espaços centrais, relegam às periferias, aos locais onde essas identidades não possam interferir de maneira tão prejudicial às demais identidades, onde possam contê-las para não causar riscos à unidade nacional, mesmo que isso seja bastante utópico, uma vez que, pela sua pluralidade, as nações já são constituídas pelo diferente, pelo diverso, apesar de que seja

apresentado um discurso homogeneizador, que não apresenta a veracidade do que realmente constitui as nações (Chiappini, 2002).

A obra *Americanah* é classificada como pós-colonial porque entende-se que esse termo, embora sem a elaboração de um consenso, é usado por alguns teóricos como sendo o que descreve a cultura que sofre a influência do processo imperial desde o início da colonização (Ashcroft *et al.*, 1991). Também pode ser considerada pós-colonial, por englobar correntes teóricas heterogêneas que compreendem a produção literária das nações emergentes e por se constituir e apresentar características híbridas por causa da confluência das formas e propostas oriundas das ligações que se estabelecem entre os aspectos da cultura europeia e as culturas dos povos colonizados, sendo que estes aspectos compõem a literatura nigeriana e, conseqüentemente, o romance *Americanah*.

O debate sobre as narrativas pós-coloniais requer que se discuta acerca do termo identidade, da identidade do sujeito que está inserido numa realidade que o torna, muitas vezes, objeto de uma cultura que durante muito tempo lhe foi introjetada pelo europeu numa tentativa de anular seu sistema de identificação moldando-lhe com uma identidade nova. Sobre essa conceituação de identidade nova e/ou velhas identidades, Hall (2001, p. 7) diz que as velhas identidades que deram estabilidade ao mundo social, ao longo de muito tempo, estão declinando, fazendo com isso, surgir novas identidades tornando o indivíduo moderno em um sujeito fragmentado. Esse evento tem como consequência a crise da identidade que acaba sendo percebida como constituinte, como "parte de um processo amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (Hall, 2001, p. 7).

Com origem no vocábulo latino *identitas*, esse termo no seu sentido filosófico significa, de acordo com Bonnici (2011, p. 35), "a identidade das pessoas ao longo do tempo, ou seja, as condições necessárias para que uma pessoa que existe num certo período seja a mesma pessoa que existe em outro período" numa abrangência epistemológica, moral e valorativa. Entretanto, Hall (2001, p. 8-9), sanciona que "o próprio conceito com o qual estamos lidando, "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido", pois da mesma forma que acontece com outras ocorrências sociais, não é possível "oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas", uma vez que "as identidades modernas estão sendo "descentradas", isto é, deslocadas ou fragmentadas".

A identidade é significada num sentido de oposição para a afirmação, isto é, para que haja a identidade é preciso que exista também um atributo que se oponha a ela e, nesse caso, há a diferença. Tanto identidade quanto diferença são 'entidades autossuficientes' para lembrar Bonnici

(2011) e, quando se afirma uma, afirma-se também a outra, pois têm uma dependência entre si, sendo que, por compor esse processo de diferenciação tornam-se pertencentes à cultura e por serem caracterizadas pela instabilidade pertencem ao campo da linguagem. Para Hall (2001, p. 17), o sujeito descentralizado é gerado por deslocamentos que fazem com que as sociedades se caracterizem pela diferença. Ainda assim, elas não se desintegram totalmente, não por ser unificadas, "mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados". Também para Silva (2003, p. 75), "em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido". Então, as duas afirmações têm sentido somente se forem compreendidas uma em relação à outra, numa perspectiva de dependência, da identidade em relação à diferença, de modo inseparável.

Em *Americanah*, percebe-se algumas composições de identidades transitórias e em constante mudança, que se apresentam no âmbito da essência do sujeito assim como no âmbito do sujeito social. Tudo o que pode afetar o sujeito social pode afetar ainda mais a sua essência, uma vez que cada indício de deformação desse sujeito causa algum dano no desenvolvimento de sua identidade. A identidade não pode estar presa ao que a circunda, precisa dar possibilidade do sujeito viver sem se limitar, porém, no colonialismo havia tanta imposição da cultura do outro, do colonizador, que o sujeito teve muitas perdas da sua cultura e acabou assimilando muito da cultura eurocêntrica. Essa mescla, conforme Hall (2001), compôs um mosaico com identidades diversas formadas pelas e com as diferenças gerando o sujeito nigeriano híbrido, visto que os processos de hibridação continuam acontecendo devido a apropriação da cultura do outro.

Na pós-colonialidade essa transformação da cultura do outro em sua cultura faz com que esses sujeitos vivenciem uma autofagia cultural ao se alimentarem de si mesmos, porque as "nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, ser, mas de se tornar". (Hall, 2008, p. 44). Ocorreu um antagonismo entre o colonizador e o colonizado com modulações diversas em que o colonizado se manteve pela sua resistência, pois se alimentou antropofagicamente do que era do outro, do colonizador, de forma que o que era do outro passou a ser seu depois de passar pelo processo de assimilação, fato que nos lembra Paul Valéry citado por Silviano Santiago (2000, p. 19) "Nada mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiro assimilado", numa abordagem latino-americana, mas que ajusta-se neste contexto pós-colonial africano.

A identidade e a diferença são assuntos tratados pelos estudos pós-estruturalistas que também compreendem a Teoria Pós-colonial e os Estudos Feministas, os quais abordam estes itens

como relações sociais e de poder, por usar as categorias de hierarquia em que um termo se sobrepõe a outro. O termo que se sobrepõe marca a presença do poder, pois a identidade e a diferença têm funcionalidade enquanto incluem e excluem fazendo marcações fronteiriças entre eles e nós, como afirma Spivak (1985), que compõe a posição do sujeito marcada pela hegemonia. Como salienta Bonnici (2011, p. 36), esses termos binários demonstram o privilégio de uns em detrimento da marginalização de outros, como em "masculino/feminino; heterossexual/homossexual; branco/negro". Assim, apresenta-se uma linha de pensamento em que o sujeito é a identidade em si mesma, ao passo que o outro é a diferença, pois a identidade conforme Bonnici, não tem traços ou marcas, os quais compõem a diferença.

Percebe-se nas situações que as identidades começam a ser mais fixas e subversivas, seja nas identidades étnica, racial, sexual, de gênero ou nacional, sendo que a última tem seu fundamento ou fixidez em 'mitos fundadores', que podem ser a língua, os símbolos nacionais ou o herói mítico. O evento de uma identidade fixa é subvertido, então, por movimentos da Teoria Pós-colonial, os quais são a diáspora e o hibridismo, para lembrar Brah (2002) e o multiculturalismo.

Muitos pesquisadores e críticos como Hanciau (2005), abordam a questão do hibridismo e suas várias formas de manifestações como Fernando Ortiz e a transculturação, Zilá Bernd e a hibridação e o caminho do meio, Arturo Usler Pietri e a mestiçagem, Édouard Glissant e o espaço intervalar, Walter Dignolo e Serge Gruzinski e o *in-between*, Alberto Moreiras e o *tercer espacio*, Gilberto Freire e a miscigenação, Mary Louise Pratt e a zona de contato, Ana Pizarro e Sandra Pesavento e a zona de fronteira, Régine Robin e o *hors-lieu*, Silviano Santiago e o entre-lugar, Eduardo Coutinho e o desvio da norma, Hall e os processos transnacionais, Bhabha e o espaço intersticial ou espaço de enunciação, Guimarães Rosa e a terceira margem e, assim, subvertem o que chamam de pureza da raça, de assimilação em contextos multiculturais e de segregação racial. Corroborando, Bonnici (2011, p. 37), diz que "a nova identidade, consequência do hibridismo, não é mais nenhuma das identidades primordiais, mas uma entidade que solapa a base do monolitismo colonial e a fonte de outremização". Essa nova identidade se expressa num outro local que não o que estava, não sendo mais o que era, torna-se outra e, assim, precisa de outro espaço para se revelar, espaço este que Bhabha (2005) denomina de "terceiro espaço de enunciação" e que possui dois valores diferentes porque supera o que é tido por diversidade cultural pela hibridez. E é dentro desse sistema híbrido que a diferença cultural age, nesse entre lugar em que a dominância das identidades físicas e ideológicas são subvertidas pela identidade híbrida.

3 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E *AMERICANAH*

A obra *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie, inicia apresentando uma história de amor entre a jovem Ifemelu e o jovem Obinze que acaba sendo interrompido pela ida dela para os Estados Unidos para dar continuidade aos estudos que não pode fazer na Nigéria devido ao caos pelo qual o país está passando sob um regime militar. Primeiro, Ifemelu vai aos Estados Unidos, onde uma tia já está morando, mais tarde, é a vez de Obinze imigrar para a Inglaterra. Ao apresentar a trajetória desses dois jovens que saem da Nigéria em busca de outras oportunidades, Adichie apresenta também a história de muitas outras pessoas, de muitos outros imigrantes que sonham com melhores chances em um país de primeiro mundo. Para este estudo, será analisada além da personagem Ifemelu, sua tia Uju, que mudou-se para os Estados Unidos anos antes de Ifemelu, sua colega Ginika, com quem estudou em Lagos e seu namorado Obinze, que após não ter conseguido entrar legalmente nos Estados Unidos, vai para a Inglaterra com visto de pesquisador acompanhando a equipe da mãe e fica por lá trabalhando enquanto tenta arranjar um casamento para obter cidadania europeia. Estes personagens são vistos a partir dos seus sentimentos diante das questões importantes abarcadas na obra como imigração, preconceito e identidade racial e desigualdade de gênero, além do importantíssimo quesito que é entender como se dá o deslocamento sentido pelas personagens ao estar longe da sua terra e, no caso específico de Ifemelu no retorno a ela, pelas diferenças que encontra no seu país.

A trajetória de Ifemelu, como imigrante é diferente da trajetória de Obinze, pois ele tenta conseguir permissão para entrada nos Estados Unidos por diversas vezes sem êxito, aceita então a sugestão da mãe em acompanhá-la à Inglaterra como seu estagiário na sua equipe de pesquisas e fica lá tentando conseguir o que muitos imigrantes tentam para obter a cidadania daquele país, arranjar um casamento com uma mulher de lá. Trabalhou em inúmeros lugares, passou por várias situações humilhantes e, quando enfim, consegue resolver as questões burocráticas para se casar, é detido pela Imigração por causa do seu visto que havia vencido há alguns dias. Após dias preso é deportado para a Nigéria e, passa por um processo de vergonha pelo ocorrido, até que, com o auxílio das pessoas mais próximas, volta a tentar se reerguer e constituir uma nova vida.

As humilhações pelas quais Obinze passa, são muito semelhantes com as que milhares de imigrantes passam todos os dias, somando-se ao medo de ser descoberto com documentação de outra pessoa, com outro nome que não o seu, que não o identifica e que o deixa cada vez mais inseguro e deslocado.

A narrativa adichiana aborda questões políticas e sociais. Pode ser considerada um ensaio, porém sem todo o teor científico do gênero, pois faz abordagens dos hábitos e dos costumes da sociedade nigeriana antes da saída de Ifemelu e quando ela retorna; também examina criticamente a sociedade norte-americana no tempo em que a personagem viveu lá; e, de maneira semelhante,

observa a sociedade britânica da época em que Obinze viveu lá. Essas observações são feitas de modos e amplitudes variadas com uma narração que deixa pistas do humor certo da autora, mesmo quando precisa abordar temas profundos e pesados como a xenofobia sentida em ações e palavras por Obinze: "ficou chocado quando, [...] entrou numa cabine e descobriu um cocô sobre a tampa da privada, sólido, longo, focado, como se tivesse sido colocado com cuidado num local preciso.[...] aquilo se tornou uma afronta pessoal, um soco no queixo" (Adichie, 2014, p. 257); o racismo, que ele conhece de forma nada sutil nos três anos em que esteve na Inglaterra e que veio de todas as classes, inclusive dos colegas de trabalho.

Pelo silêncio que mantinham enquanto dirigiam e pelo tom com que diziam "operário!", Obinze sentia a antipatia dos motoristas. Uma vez, quando ele tropeçou e caiu de joelhos, uma queda tão séria que voltou para o caminhão mancando, o motorista disse aos outros no depósito: "Não ficou roxo porque já é preto!". Eles riram (Adichie, 2014, p. 273).

Somado a isso, a narrativa trata também de pequenos insultos aos imigrantes que vivem no país, inclusive com demonstração gestual e vocabular de antipatia pela presença deles: "*Imigrante*, é claro, significa muçulmano" (Adichie, 2014, p. 296); acrescenta-se também a questão delicada dos momentos depressivos pelos quais Ifemelu passa nos Estados Unidos, devido à insegurança por não conseguir trabalho para poder pagar as despesas mensais e ter que fazer um serviço que a fez sentir-se suja, maculada, com nojo de si mesma e da situação na qual estava inserida.

Ifemelu acordava entorpecida todas as manhãs, debilitada pela tristeza, assustada pelo dia interminável que tinha pela frente. Tudo tinha se tornado mais espesso. Fora engolida, estava perdida, numa névoa viscosa, envolta em uma sopa de nada. [...] Às vezes, acordava se debatendo, indefesa, e via, diante de si e atrás de si e por todo lado, uma completa falta de esperança. Sabia que não fazia sentido estar ali, estar viva, mas não tinha energia para pensar de forma concreta em como se matar" (Adichie, 2014, p. 171).

Alguns outros aspectos importantes são abordados no romance de maneira clara e contundente. A questão racial é uma temática forte, pesada, mas que Adichie trabalha apresentando as minúcias do cotidiano que, se não forem acompanhadas pelo leitor, terá ele perdido muitas pistas para encaixar o quebra-cabeças narrativo. Esses pormenores acabam roubando as cenas e trazendo um panorama da sociedade em que os eventos acontecem, retratando aqueles indivíduos como pessoas comuns, que poderiam ser qualquer outra pessoa que deixa suas mazelas preconceituais a mostra sem conseguir escondê-las ou sem querer mascará-las. A concepção arbitrária de racismo que Estados Unidos e Inglaterra mantêm, mesmo que se apresente velado em algumas perspectivas em outras é explícito, mostrando uma situação que está longe de terminar.

O sentimento de estranhamento que tomou conta de Ifemelu por ser vista de maneira exótica logo que ela chegou na América e se descobre negra é um sentimento novo e diferente para ela que, na Nigéria, não havia se dado conta disso. Chimamanda Adichie comenta, numa entrevista, que não pensava em si como negra até chegar aos Estados Unidos, da mesma maneira que Ifemelu. Que na Nigéria as questões de raça não são vistas assim, não há essa relevância toda, pois suas discussões são concentradas mais em questões étnicas do que raciais.

quando morava na Nigéria nunca pensei em mim mesma como negra, não foi necessário, porque quase todo mundo era negro. Cresci pensando em mim mesma como igbo [etnia nigeriana] ou como católica..., mas nunca como negra. E isso não significa que, ao me olhar no espelho, não visse que minha pele era cor de chocolate, uma coisa de que gosto muito, mas que eu não atribuí um valor a isso. Mas, ao chegar aqui, me dei conta de que nos EUA sim, isso tem um valor, e as pessoas assumem certas coisas sobre você apenas pela cor da pele. Achei muito curioso, e também incômodo, ver que as pessoas negras não eram consideradas inteligentes (Mars, 2016)².

A autora diz que a tomada de consciência dessa identidade lhe permitiu entender que tornar-se "negra foi um processo", e que seus amigos na Nigéria não sentem necessidade dessa identificação como negros devido a diferente realidade nigeriana. Ele lembra que quando chegou aos EUA, foi surpreendida por um afro-americano quando ele chamou-a de irmã e, que seu pensamento foi de que ela não era sua irmã. Entretanto, se esse evento ocorresse agora, ela agiria de modo diferente: diria, 'sim! sou sua irmã', por sentir "um certo orgulho da história da comunidade afro-americana daqui. Não faço parte, mas me identifico com eles" (Mars, 2016).

A questão racial nos Estados Unidos é uma temática muito presente, por mais que tudo aconteça de maneira muito velada, pois desde o ambiente em que os imigrantes vão morar até o local onde precisam ir para atender algumas das suas necessidades, como o salão de beleza no qual Ifemelu foi, são nas regiões mais periféricas da cidade, em locais mais pobres, com prédios insalubres, muros pichados. O próprio metrô que a levava tinha umas situações interessantes.

A plataforma estava repleta de pessoas negras, muitas delas gordas, em roupas curtas e leves. Ifemelu [...] ficava impressionada ao ver como a maior parte das pessoas brancas e magras descia nas estações de Manhattan, e, conforme o metrô ia se aproximando do Brooklyn, só iam sobrando as negras e gordas (Adichie, 2014, p. 12).

Na Inglaterra, Obinze também percebeu essa discrepância, pois logo que os imigrantes chegavam no país só conseguiam lugares distantes do centro de Londres se não tinham com quem

² Entrevista concedida por Chimamanda Ngozi Adichie com o título "Não há motivos para tanta raiva nos Estados Unidos" à Amanda Mars no espaço de cultura do jornal *El País*, em 27/03/2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/21/cultura/1458574326_016768.html.

morar. Com o tempo e o progresso no trabalho poderiam conseguir um lugar melhor. Um dos maiores problemas era o medo constante de ser deportado porque a maioria trabalhava com o cartão de seguridade social de outra pessoa, para quem pagavam uma porcentagem do que ganhavam. E isso fazia com que o silenciamento em torno das más condições de vida se tornasse constante entre os imigrantes. "De onde você é, querido?". "Da Nigéria." "Não, não, eu quis dizer em Londres, querido." "Moro em Essex", respondeu ele. "Entendi", disse ela, como que desapontada" (ADICHIE, 2014, p. 293).

Ifemelu trabalhou algum tempo com o cartão de seguridade de outra pessoa, assim como Obinze que acabou sendo denunciado quando o dono do cartão pediu aumento da porcentagem paga e ele disse que não tinha condições para fazê-lo. A perda da identidade dos personagens se mostra nitidamente no romance nessas circunstâncias, por ter que assumir o nome e, conseqüentemente, a identidade de outra pessoa, mesmo que isso aconteça de maneira fragmentada, pois não se assume a identidade completa do outro devido ao fato de não conhecê-la totalmente. O que se tem, muitas vezes é o número do telefone e da conta do banco para o depósito do dinheiro, ou com sorte, consegue-se por meio de conhecidos que já residam no país, os documentos emprestados de alguém que retornou para seu país de origem, como ocorreu com Ifemelu.

Passou diversos minutos olhando mais uma vez para o cartão da seguridade social e a carteira de motorista que pertenciam a Ngozi Okonkwo. Tinha no mínimo dez anos a mais do que Ifemelu, um rosto fino, sobrancelhas que começavam em bolinhas e se transformavam em arcos e um maxilar em forma de v. "Eu não me pareço nada com ela", dissera Ifemelu quando tia Uju lhe dera o cartão. "Os brancos acham que nós todos somos parecidos." "Ahn-hã, tia!" (ADICHIE, 2014. p. 132).

A migração é responsável pela produção de identidades plurais e contestadas, conforme Silva (2003, p. 22), em um processo que se caracteriza por grandes desigualdades, posto que, a migração define a desigualdade em termos de desenvolvimento. Nesse processo, ocorre uma dispersão de pessoas ao redor do mundo o que acarreta a produção de identidades que se moldam e localizam em/por diferentes lugares. Podendo ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras, estas novas identidades não têm uma 'pátria', não podendo ser simplesmente atribuídas a uma única fonte. O conceito de diáspora é um dos conceitos que nos permite compreender algumas destas identidades (Gilroy, 1997 apud Silva, 2003).

A escritora Chimamanda Ngozi Adichie é uma representante da literatura nigeriana, nascida em 1977, em Enugu, Nigéria. Ela é pertencente à tribo igbo, filha de um professor universitário e uma administradora, por isso, cresceu no *campus* universitário de Nsukka, estado de Enugu onde

ela frequentou escolas primárias e secundárias se revelando precocemente na leitura e na escrita. Com dezenove anos foi para os Estados Unidos para completar seus estudos devido às greves nas universidades nigerianas. Gradua-se em 2001 em Comunicação e Ciência Política na Universidade Estadual de Connecticut, faz mestrado em Escrita Criativa na Universidade John Hopkins, em Baltimore e em 2008 o mestrado de Estudos Africanos na Universidade de Yale.³ Começou a publicar em 2003 e continua atuante com romances e contos tendo como temas principais questões de identidade, diversidade cultural, gênero e política abordando nos primeiros romances personagens que saem da sua terra natal, vão para outro país e nunca mais retornam para casa. As situações ficcionalizadas nas narrativas da nigeriana se assemelham bastante com as vivenciadas pela escritora. Sua ficção apresenta uma visão de ideias preconcebidas que muitas pessoas têm sobre algo que desconhecem ou que conhecem apenas por um ângulo, como uma história única, sobre os perigos que todos correm ao aceitar uma única versão dos fatos, neste caso, com relação ao continente africano e sua história. "A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade" (Adichie, 2009, p. 4).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar para as minorias é olhar também para o povo africano enquanto outro com suas realidades específicas, este outro que requer seu poder de utilizar a própria voz para expurgar todo o resquício do colonialismo que insiste em ficar nas beiradas dos caminhos por onde a cultura renascente quer passar. A escritura dessas ficções que abordam temáticas reais como a dos imigrantes, dos ilegais, do expatriados, busca no âmago das situações de marginalização, de violência e de perdas de identidades a teia que constrói a trama, propiciando assim, o desprendimento desses emaranhados que perpetuam silêncios, que deslocam sonhos, que propagam estereótipos para então desconstruí-los, por meio da libertação que ocorre ao ver sua história representada.

Na obra, mulheres imigrantes buscam seus lugares assim como todos os excluídos do sistema hegemônico patriarcal que mantém a história viva para perpetuar sua tradição. Para estas, contar suas misérias e esperanças, faz-se por meio da escrita ou da oralidade, de maneiras diversas e com tecnologias modernas como o blog de Ifemelu e, assim, apresenta-se juntamente com sua cultura também sua identidade, pois é por meio destas culturas que se manifesta o jeito de ser de cada uma.

³ As informações mencionadas foram obtidas no site da autora no endereço eletrônico: <http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>.

Num tempo em que quem poderia traçar outro destino para estas rotas alteradas acaba sendo quem autoriza cortes nas medidas políticas de imigração que visam à boa convivência entre os diferentes culturalmente, mas que só o faz no papel. Isto quando já não se manifesta abertamente expondo suas ideias repletas de preconceito e exclusão. Quando estes que governam não conseguem administrar essas diferenças ou apresentam-se cheios de indiferença e não aceitam que o híbrido, o diverso e o heterogêneo já compõem aquela nação, suscitam nos seus seguidores esta mesma prática, da xenofobia, da aversão ao diferente, ao imigrante, àquele que precisa de acolhimento e não de expulsão.

As barreiras que muitos governantes têm imposto aos imigrantes que já vivem nos países e àqueles que tentam entrar nestes países em busca de uma vida menos indigna como a vida que têm vivido até então, são demonstrações claras da intolerância que boa parte da população mundial têm em relação ao outro, mas que, muitas vezes, fica escondida, velada até o momento em que se mostra com todas as suas facetas, com todo seu autoritarismo e truculência como que tem sido visto nos últimos meses em países europeus, no que se refere aos barcos de pessoas que buscam exílio, mas que não têm permissão para se aproximar das costas marítimas daqueles países, ou, que são barrados por muros cada vez maiores e mais endurecidos como o pensamento destes governantes norte americanos. Numa era em que os trumpistas mostram sua verdadeira face, deseja-se cada vez mais trudeaunistas acolhendo as fragmentadas identidades que chegam às portas dos países em busca de acolhida.

4 REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story**. Miniconferência promovida pelo Technology Entertainment Design (TED), jul. 2009. Vídeo (19 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc&feature=youtu.be>. Acesso em 12/03/2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **We should all be feminists**: Sejam Todos Feministas (tradução de Cristina Baum). Inicialmente é uma miniconferência pela TEDxEuston, mas se torna também um livro publicado pela Companhia das Letras em 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fyOubzfkjXE&feature=share>. Último acesso em: 10/04/2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **A coisa a volta do teu pescoço**. São Paulo: Dom Quixote, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; FEITOSA, A. P. ; FEITOSA, M. P. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. **The Empire Writes Back**: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures. London: Routledge, 1991.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora. UFMG, (Coleção Humanitas), 2005.

BONNICI, Thomas (Org.). **Multiculturalismo e diferença**: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas. Maringá. Eduem. 2011.

BRAH, A. **Cartographies of Diaspora**: contesting identities. London: Routledge, 2002.

CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha. OLIVEIRA, Dayse Sacramento de. **A Intertextualidade na Escrita de Chimamanda Ngozi Adichie**. Anais do VI Senalic – Textos Completos, ISSN – 2175-4128. Org.: Carlos Magno Gomes; Ana Maria Leal Cardoso; Maria Lúcia Dal Farra, São Cristóvão: GELIC, Volume 06, 2015.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil**; pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

GILROY, Paul. There Ain't No Black in the Union Jack, Hutchinson: London. 1997. In.: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. 2ª reimpressão revista. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.

HANCIAU, Nubia Jacques. O Entre-Lugar. In: FIGUEIREDO, E. **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora. Editora UFJF/Niterói:EdUFF, 2005, p. 215-141.

MARS, Amanda. **Chimamanda Ngozi: "Não há motivos para tanta raiva nos Estados Unidos"**. Entrevista concedida ao jornal *El País*, em 27 de março de 2016. Disponível em:

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/21/cultura/1458574326_016768.html. Acesso em: 16/04/2017.

PHILLIPS, Caryl. **Mixed and marched, review of White Teeth by Zadie Smith**. Observer (Review section), p. 11, Publicado em 9 de janeiro de 2000. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2000/jan/09/fiction.zadiesmith>. Acesso em 29/04/2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo, editora Contexto, 190p, 2007.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In.: MATOS, Maria Izilda Santos, SOIHET, Rachel. (Orgs.). **O corpo feminino em debate** - São Paulo: Editora UNESP 2003. p. 13-27.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura dos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro, Ed, Rocco, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Three Women's Texts and a Critique of Imperialism**. Critical Enquiry, V. 21, n.1, p243-261, 1985.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Feitosa; André Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Pós-Colonialismo, Feminismo e Construção de Identidades na Ficção Brasileira Contemporânea Escrita por Mulheres**. In.: Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.21, p. 51-70, 2012.

Title

Representations of Identity and Resistance in *Americanah* of Chimamanda Ngozi Adichie

Abstract

In this text, the work *Americanah* by Chimamanda Ngozi Adichie is analyzed observing how the migratory process of the characters Ifemelu and Obinze occurs; as well as the ways the questionings and subversions of the hegemonic discourses take place in the context of identities change. These analyzes aim to contribute to eradicate the dangers of the single history, term used by Adichie, allowing the reader to face confrontations capable of producing identity and cultural displacements through the most critical reading of the literary text. The theoretical choices that the analyzes are based are made to deconstruct the ideas of subalternity in the Nigerian literature and experienced, in great part, in the countries which the personages lived: England and the United States. Due to the years of oppression by Eurocentric discourse, it will have different forms of resistance acting in the analyzed works, considering hoe the locus of each character presents the exclusion experienced as foreign, illegal, black, expatriate, and immigrant in the process of (re)construction of their identities.

Keywords

Identity; resistance; migration process; subalternity; difference.

Recebido em: 17/10/2017.

Aceito em: 31/12/2017.